

esporte **coronavírus**

# Emily trabalha no Equador em meio ao caos do coronavírus

Treinadora brasileira assumiu seleção do país no fim do ano passado e adiou mudança para epicentro da doença

Bruno Rodrigues

SÃO PAULO Emily Lima, 39, já nem assiste mais à televisão. A técnica da seleção feminina de futebol do Equador, no cargo desde dezembro do ano passado, tem procurado evitar o noticiário, que basicamente repete todos os dias o drama vivido pelos equatorianos na luta contra a pandemia do coronavírus.

Nesta segunda (20), as autoridades do país informaram que a Covid-19 superou a marca de 10.100 casos no território nacional. Do total de registros, mais de 6.900 estão concentrados na província de Guayas (68%), cuja capital é Guayaquil, cidade mais populosa do Equador, com cerca de 2,7 milhões de habitantes.

As imagens de corpos deixados nas calçadas e casas à espera do serviço funerário correram o mundo e preocuparam pessoas próximas da treinadora, que recebeu uma enxurrada de mensagens perguntando sobre sua situação.

Emily tratou de tranquilizar todos, já que o quadro onde vive, na cidade de Cumbayá (distrito rural de Quito), é menos grave. Apesar de ser a segunda região mais afetada, a província de Pichincha, onde fica a capital do país, soma pouco mais de 800 casos. "O problema maior está sendo em Guayaquil. Eu acredito que as pessoas não levaram muito a sério as medidas que foram adotadas. Nas outras cidades está tranquilo, as pessoas estão se cuidando bem mais", diz a técnica à Folha.

O país registra oficialmente 507 mortes de pessoas cujos testes para a doença deram positivos. Outros 826 mortos foram contabilizados com suspeita de contágio.

Com a escalada de casos, o



Fifa.com

**Emily Lima, 39**

Em 2016, ela se tornou a primeira mulher a assumir a seleção principal do Brasil, cargo que ocupou até o ano seguinte. Ex-jogadora, treinou também os clubes paulistas Juventus, São José e Santos antes de ir para o Equador

governo equatoriano aumentou as restrições à população. O uso de máscaras nas ruas tornou-se obrigatório e é necessária uma autorização para poder sair de casa.

Emily conta que tem feito suas compras essenciais com a ajuda de aplicativos de entrega. Quando precisa ir à rua, fica atenta ao toque de recolher, que vai das 14h às 5h.

"Eu saí uma vez para ir ao mercado, porque os aplicativos estavam todos lotados. Na semana em que eu saí, foi decretado que era proibido sair na rua sem a máscara. E eu saí sem, não sabia. Quando eu cheguei ao mercado, as pessoas começaram a me olhar estranho, a perguntar por que eu estava sem máscara. Peguei minhas coisas, paguei a conta e fui embora rápido. Senão poderia pagar

multa, ir presa", relata.

Há cinco meses no comando da equipe feminina do Equador, a ex-treinadora da seleção brasileira ainda está tentando conhecer suas atletas, um processo que ficou mais complicado em razão da pandemia.

No mês passado, Emily e sua comissão técnica estavam na Argentina com o time sub-20 quando a organização do Sul-Americano suspendeu o torneio, que estava em andamento. Em abril, disputariam o sub-17 continental, adiado para o fim de agosto.

De seu apartamento, cedido pela federação equatoriana, a técnica mantém contato com seus auxiliares por WhatsApp e Skype. A equipe faz reuniões remotas toda semana.

A federação tem mantido o pagamento dos salários, mas Emily acredita que em algum momento a entidade poderá oferecer algum acordo para reduzir valores. "E nós entendemos essa situação", diz.

No contrato também estava prevista para o meio do ano a transferência de toda a comissão técnica de Quito, onde fica o centro de treinamento, para Guayaquil, sede da federação. A situação atual, porém, deverá adiar a mudança.

Sem previsão de retorno às atividades ou de relaxamento das medidas de isolamento social, Emily trabalha com a possibilidade de estar em campo com a seleção nas datas Fifa de junho, o que será sua primeira experiência de fato com a equipe principal.

"Nossa senhora, sinto falta desses [do campo]. Mas você começa a ler, a estudar e o tempo passa. Mais para o fim da tarde ligo meu Netflix e assim está sendo a vida por aqui. Não é fácil, mas a gente acorda todos os dias pensando que pode melhorar", afirma.

# Plano para retomar Campeonato Alemão em maio inclui 'bolha social'

Alex Sabino

SÃO PAULO Enquanto as principais ligas da Europa buscam saídas para reiniciar seus campeonatos, paralisados pela pandemia de coronavírus, a Alemanha deverá ser a primeira a tentar de fato retornar às atividades.

Quando isso acontecer, os olhares do futebol mundial estarão atentos para os resultados de uma experiência considerada arriscada por muitos. A ideia da Bundesliga é usar os 36 estádios das duas principais divisões nacionais para recomendar os torneios sem presença de torcida. A primeira opção de data é 9 de maio.

O país conseguiu algum controle sobre a contaminação. Em parte, isso se deve ao número de testes realizados: mais de 100 mil por dia.

"Isso vai nos possibilitar testar jogadores, comissão técnica e funcionários dos clubes sem prejudicar o sistema público de saúde", afirma Christian Seifert, chefe-executivo da Liga Alemã de Futebol.

Entre todos os países europeus que sofreram paradas em suas ligas, a Alemanha foi o primeiro a permitir que as equipes voltassem a treinar, mesmo que de forma gradual.

Em grupos de cinco, os jogado-

res por enquanto mantêm distância de dois metros uns dos outros e não podem ter nenhuma atividade que possibilite contato, como desarmes ou carrinhos, por exemplo.

O plano é que cada jogo envolva 240 pessoas, entre jogadores, comissão técnica, dirigentes, gandulas, jornalistas, equipe de transmissão e funcionários do estádio. Todos seriam testados regularmente para coronavírus. A federação também está envolvida em um plano de higiene e cuidados a ser seguido pelos atletas em casa, englobando também seus familiares.

Seria criada uma espécie de "bolha social" em que os atletas vieriam até o final da temporada, no fim de junho.

"É um plano possível se conseguirmos determinar, em um rápido teste, que nenhum dos jogadores está infectado e que não há o perigo de haver contágio em cadeia", afirma Wolfgang Kubrick, vice-presidente da Câmara de Deputados, em entrevista à Sky Sports.

Esse é considerado o perigo maior pelos opositores da ideia. Bastaria que uma pessoa dessas 240 fosse infectada para dar início a uma situação que pode paralisar outra vez (e talvez de forma definitiva) o campeonato.

# É HOJE EM CASA

Reprises de eventos históricos para ver na quarentena

**FUTEBOL Final da Copa de 2018**

SportTV, 19h  
A decisão do Mundial russo, vencido pela França por 4 a 2 sobre a Croácia, foi a primeira com intervenção do VAR, o árbitro de vídeo, que ajudou a marcar um pênalti para os franceses.



O francês Mbappé beija a taça. Franck Fife - 15/Jun/18/AF

**Primeiro Mundial tricolor**

BandSports, 15h  
A vitória do São Paulo por 2 a 1 sobre o Barcelona no Mundial de Clubes de 1992 consagrou o time do técnico Telê Santana e deu ao clube seu primeiro título intercontinental.

**MARATONA AQUÁTICA Bronze de Poliana Okimoto**

SportTV 3, 9h40  
Inicialmente quarta colocada na Olimpíada do Rio, a brasileira herdou a medalha de bronze após desclassificação da francesa Aurelie Muller, que deu um caldo na italiana Rachele Bruni.

# folhinha **coronavírus**

# Crianças italianas dão apoio a idosos com telefonemas, cartas e desenhos

'Aos poucos, sairemos deste pesadelo', escreve uma garota de 12 anos, que participa de projeto no norte do país que conecta as duas gerações

Michele Oliveira

MILÃO Os idosos e as crianças da Itália são os dois grupos que menos têm permissão para sair na rua nesta quarentena. O país, o primeiro europeu a ser atingido pelo novo coronavírus, está há 40 dias com quase toda a sua população, de 60 milhões de pessoas, trancada em casa.

Só podem sair os poucos que trabalham fora ou quem precisa ir ao médico, à farmácia ou ao supermercado, atividades quase sempre desempenhadas pelos adultos.

Aos idosos, que são os mais frágeis à doença, o governo pede para que evitem sair mesmo nas situações acima. Muitos estão recebendo suas compras feitas por parentes e vizinhos ou recorrendo à entrega a domicílio.

Já as crianças não têm mesmo nenhum motivo para colocar os pés para fora. As escolas estão fechadas, assim como os parques e as outras atividades de esporte e lazer.

É por isso que surgiram nas últimas semanas ideias para conectar essas duas pontas isoladas e distantes. Uma delas incentiva as crianças a enviar cartas e desenhos aos moradores de um asilo. Outra organiza telefonemas entre as duas gerações.

"Para os idosos, é devastador ter que cortar a relação com familiares e amigos. Muitos não são mais casais, vivem realmente sozinhos. Com o passar dos dias, isso se torna muito difícil", diz Silvia Cocchi, coordenadora das ações educativas da diocese de Bolonha, no norte do país.

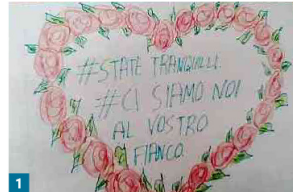
Ao conversar com uma funcionária de um centro de assistência social, uma rede tradicional italiana que orienta os cidadãos a resolverem todo tipo de problema, Cocchi ouviu que os idosos da cidade estavam ligando mais para conversar do que para pedir ajuda. "Ninguém queria resolver documentos e indenizações, como de costume. Queriam falar, falar, falar."

Assim nasceu o projeto Adote um Avô, idealizado por ela, que pretende estabelecer uma frequência de telefonemas entre crianças e idosos. Os primeiros estão sendo selecionados pelas escolas, enquanto o segundo grupo é identificado pelo centro de assistência.

As crianças que toparam participar preenchem um formulário em que indicam os melhores horários para os contatos e os assuntos preferidos, como história, culinária e cultura. As ligações duram cerca de meia hora.

"Cozinha e natureza são os mais escolhidos. Fizemos assim para ajudar a criança a estruturar a conversa. Mas estamos percebendo que, depois dos primeiros minutos, elas vão sozinhas, e as conversas se tornam diálogos sobre memórias e experiências. Vira um relacionamento e é isso que os idosos mais precisam agora", conta Cocchi.

O projeto começou pra valer na semana antes da Páscoa e atualmente envolve 20 crianças, de 6 a 11 anos, e 20 idosos. A faixa de idade dos pequenos é a mesma do projeto Cartas para os Vovós, criado pela casa de repouso Ca' Arnaldi, numa cidade perto de Vicen-



1



2

Fotos Reprodução

**1 Bilhete escrito por criança italiana que participa do projeto Cartas para os Vovós. "Estamos ao lado de vocês", escreve**

**2 "Ficarão tudo bem", conclui a carta que integra o mesmo projeto**

**HELOISA PRIETO ESTÁ EM LIVE DA FOLHINHA**

A escritora Heloisa Prieto é a convidada da Folhinha no Ao Vivo em Casa, série de lives da Folhinha que estreou na quarta (15). Ela participa da transmissão às 17h nesta terça (21) em youtube.com/folha.

Prieto é autora de mais de 50 títulos para o público infantil e infantojuvenil, entre eles "O Livro dos Medos", "1.001 Fantasmagoras" e "Cidades dos Deitados". Ela será entrevistada pela jornalista da Folha Laura Mattos.

za, também no norte da Itália. A ideia é que as crianças enviem cartas e desenhos para os 120 idosos que moram ali.

"No começo de março, precisamos fechar nossa estrutura aos familiares e a outros visitantes para proteger os moradores do vírus. Os nossos idosos ficaram isolados do resto da comunidade. Vi que era hora de reativar projetos que já tínhamos feitos com as escolas", conta Paola Benetti, pedagoga da Ca' Arnaldi.

Há cerca de um mês em ação, a iniciativa já recebeu mais de uma centena de mensagens. As crianças fazem tudo em casa e mandam fotos, com a ajuda dos pais, por celular ou email. E a equipe do asilo imprime e distribui aos idosos ou pendura nas paredes.

"Cara senhora Marta", começa uma carta de uma aluna do sexto ano. "Te escrevo porque espero que, ao ler isto, seu tempo passe mais rápido. (...) É um período difícil para todos e mesmo nós, acostumados a estar com os amigos, ir à escola e treinar, não podemos nem mesmo sair do portão de casa!"

A menina de 12 anos continua: "Pela televisão, falamos de uma leve melhora. (...) Não será uma coisa imediata, mas aos poucos sairemos deste pesadelo. (...) Ouvei que até nas casas de repouso aconteceram contaminações e que cresce o medo entre os idosos. (...) Fizeram o teste em vocês?"

A adolescente, Maddalena, 14, enviou cartazes com a frase "Fiquemos longe hoje para não abraçarmos amanhã!". "Acho justo apresentar um sorriso às pessoas que estão sozinhas, não têm ninguém por perto", contou à Folha.

"Escolhi essa frase porque, além de dar esperança, ela nos faz entender que devemos respeitar as regras para haver um futuro melhor". Já Mattos, 11, topou mandar uma mensagem porque ali, no mesmo asilo, viveu sua avó Ernesta. "Quando eu a encontrava, pude ver os outros idosos e entendi que, agora, eles precisavam de companhia."

A pedagoga comenta a reação dos residentes, que começaram a responder às cartas. "Eles também encorajam as crianças a aguentar firme e contam de suas vivências, lembranças de guerra e dificuldades em suas próprias juventudes. Dizem sempre: 'Isso também vai passar'", afirma Benetti.